

## APRESENTAÇÃO

*César Benjamin*

O mundo islâmico estava no auge de suas conquistas quando a Primeira Cruzada tomou Jerusalém em 1099, abrindo aos europeus o acesso à Terra Santa. Começou então uma longa e conflituosa ocupação, nunca tolerada pelos muçulmanos. Em 1118, um grupo de nove cavaleiros solicitou ao rei cristão Balduíno II permissão para se estabelecer no antigo Templo de Salomão (onde se ergue a atual mesquita de Al-Aqsa), então em ruínas. Quatro deles nunca foram bem identificados, enquanto os demais pertenciam a famílias influentes na França. Pretendiam criar um contingente militar permanente para proteger os peregrinos.

Dez anos depois eles se apresentaram ao papa Honório II, que formalizou a existência da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Jesus Cristo e do Templo de Salomão, monges combatentes aguerridos e disciplinados que passaram a usar um manto branco especial, com uma cruz vermelha no lado esquerdo do peito, tendo Hugo de Payens como primeiro grão-mestre e São Bernardo de Claraval como patrono. Ficaram conhecidos como Templários. Sua reputação e sua influência cresceram rapidamente, atraindo o apoio de nobres e de pessoas letradas, bem posicionadas nas cortes da Cristandade. Receberam, ao longo do tempo, milhares de doações em dinheiro, terras, castelos e outros bens, assim como privilégios de todo tipo, como isenções de impostos cobrados pelos governos e independência em relação ao clero secular. Diretamente subordinados ao papa, tornaram-se uma importante força militar cristã. Seus integrantes faziam votos de pobreza e castidade. Atuando junto a outra ordem religiosa, a dos Hospitalários, passaram a disputar com os muçulmanos o controle da Terra Santa, travando batalhas sangrentas e sucessivas. Grande parte de sua história se confunde com a história das Cruzadas. Como muitos Templários nasceram na Palestina, falavam árabe fluentemente e conheciam bem o mundo islâmico.

Uma mitologia se formou em torno da Ordem. Ela seria guardiã do Santo Graal, cujo significado exato é controverso, e da Arca da Aliança, que continha os Dez Mandamentos; detentora dos segredos dos antigos

fenícios, sua frota seria capaz de cruzar oceanos. São lendas. Mas é certo que, durante os 180 anos que duraram as Cruzadas, os Templários acumularam enorme fortuna. Passaram a contar com milhares de propriedades em toda a Europa, inclusive muitos castelos, e criaram o maior sistema bancário da época.

Com a perda definitiva da Terra Santa, em 1291, os principais dirigentes se fixaram em Paris, mas a Ordem continuou a atuar em muitos países, além de dominar ilhas no Mediterrâneo, mantendo uma importante base naval em La Rochelle, um porto francês. T tamanha riqueza passou a causar suspeitas e provocar ciúmes na nobreza europeia, inclusive nas casas reais.

Em 1305, Filipe IV, da França, um rei fraco e impopular, chefe de um governo falido, devedor dos Templários, convenceu o papa Clemente V a autorizar uma inquisição contra os monges combatentes, sob a implausível acusação de cultos demoníacos e conspiração contra a fé católica. Muitos foram presos e, na busca de confissões, barbaramente torturados, entre eles veteranos das campanhas na Palestina. Houve grande número de condenações à morte. A Ordem foi extinta em 1312 e seus bens, confiscados. Jacques de Molay, o último grão-mestre, foi queimado vivo em Paris, em fogo brando, em 1314.

O destino dos que escaparam permanece um mistério. A grande força naval ancorada em La Rochelle lançou-se ao mar e desapareceu sem ser capturada. Portugal é citado como possível destino, pois lá não houve perseguição, o que levou vários historiadores a afirmar que o importante conhecimento náutico dos Templários esteve na origem da Escola de Sagres, precursora dos Descobrimentos. Diversas sociedades secretas, como a Maçonaria, consideram-se herdeiras da tradição templária, mas são escassas as informações confiáveis. O arquivo central da Ordem, que estava na ilha de Chipre, foi destruído em 1571 pelos otomanos.

Daí a importância deste *A história dos Cavaleiros Templários e do Templo*, do advogado e historiador inglês Charles G. Addison, que se apresenta como integrante do “Templo Interno”. Com acesso a fontes hoje indisponíveis, Addison realizou no século XIX um notável trabalho de recuperação da história da Ordem e de seu dramático fim, chegando até o momento em que o Templo de Londres foi reconstituído. Uma parte ao mesmo tempo heroica e sombria da história da Cristandade europeia está contada aqui, com rigor e emoção.